

programação da cinubiteca

www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

12 | maio | 04

ciclo { pátria do cinema }*



europa

1991 . DN | SW | FR | GER | SWZ . 112'

realização
planificação
montagem

Lars Von Trier

argumento

Lars Von Trier

Niels Vørsel

música original

Joakim Holbek

actores

Jean-Marc Barr {Leopold Kessler}

Barbara Sukowa {Katharina Hartmann}

Udo Kier {Lawrence Hartmann}

Ernst-Hugo Järegård {Tio Kessler}

Erik Mørk {Padre}

Jørgen Reenberg {Max Hartmann}

Henning Jensen {Siggy}

Eddie Constantine {Coronel Harris}

Max von Sydow {Narrador - Voz}

Benny Poulsen {Steleman}

Erno Müller {Seifert}

Dietrich Kuhlbrodt {Inspector}

Michael Phillip Simpson {Robins}

Holger Perfort {Mr. Ravenstein}

Anne Werner Thomsen {Mrs. Ravenstein}

Lars Von Trier {Judeu}

> “Como homenagem ao pensamento de Serge Daney, inspirando-nos na sua proposta de uma «política dos espectadores», a CINUBITECA vai exhibir trabalhos cinematográficos das mais diversas partes do mundo. Porque os filmes de todo o mundo são a pátria do cinema. “ É isto que se lê no texto introdutório deste ciclo. Porém, tanto quanto sabemos, Serge Daney nunca terá utilizado o termo «política dos espectadores» embora os seus textos nos permitam pensar que não desdenharia de semelhante proposta.

Adiante.

Escolhemos “Europa” para dar início ao ciclo «Pátria do cinema» (e pátria do cinema é, esta sim, uma proposta genuína de Daney) porque o filme de Lars Von Trier tem a particularidade de insistir numa interpelação directa ao espectador, o cidadão desta pátria universal, como uma chamada de atenção, melhor dizendo, um recentramento da posição do espectador no processo cinematográfico.

O narrador onisciente, na voz de Max von Sydow (ela própria um legado importante da memória do cinema – uma voz cinema) dirige-se directamente ao espectador que é convidado a deixar-se hipnotizar. Não porque a natureza do cinema seja entorpecente e alienante, como se defendeu durante tanto tempo, mas porque o estado hipnótico é aqui entendido como a predisposição do espectador para um estado mental aberto, descontraído e receptivo – combinação perfeita para que luz e verdade aconteçam na mente ecrã do espectador.

É ainda através da voz do narrador que o espectador é directamente convidado a identificar-se com o protagonista da história, Leo - Leopold Kessler, um jovem americano de

ascendência alemã que, num rasgo de boa vontade pacifista e de não envolvimento, se oferece para trabalhar na reconstrução da Alemanha acabada de sair do pesadelo da segunda guerra mundial, numa Europa ainda mal desperta que se entrega, num sonambulismo cúmplice, à já evidente estratégia política da hegemonia americana.

“Europa” um dos filmes mais virtuosos de Lars von Trier, frequentemente rotulado como exercício académico de cinema, seguindo Wells e Hitchcock, é um filme político, profundamente político, apontado à consciência europeia ou mesmo muito para além destas simples contingências geográficas ou territoriais.

Em ambiente perfeitamente Kafkiano, o espectador é convidado a participar num sonho apresentado em imagens a preto e branco, do qual desperta para um universo apresentado a cores e não menos absurdo, coexistindo sonho e realidade no mesmo quadro. Um surpreendente jogo de justaposições visuais sublinha constantemente a história dum revisor de carruagem cama numa viagem pelos traumas da guerra na Europa. Nunca a imagem do comboio foi utilizada tão a propósito, nem teve tamanha importância metafórica num filme, como em “Europa”.

Um, dois, três... quando eu disser dez, você vai ocupar o seu lugar na carruagem cama. Na bagagem não leva ideais nem boa vontade, você já está envolvido, escolha entre o homem e o lobo que há em si, grite com raiva ou desespero e veja se a luz da vida humana não esmorece. <

*{ Programação da responsabilidade de Frederico Lopes }

exibição

12 | maio | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}